
A EXPLOSÃO IRÓNICA DAS IMAGENS*

João Amadeu Oliveira Carvalho da Silva**

Este livro apresenta uma estimulante, mas muito filtrada, imagem da realidade em que se situa o autor e os seus leitores coevos. Ao montar uma estrutura de um mimetismo profundo, transmite a complexidade das relações humanas combinada com a sua superficialidade, o excesso das imagens ao lado da míngua de sentidos últimos, o discursivismo dos encontros combinado com o esvaziamento de ideias, o ruído dos contextos associado à ausência dos conteúdos. Encontramos nesta poesia o verso e o reverso, recordando Jano, a divindade de duas faces, ambas presentes e distintas, dois semblantes num mesmo rosto que é o texto poético, num diálogo contorcido e distorcido, capaz de conter a afirmação no seio da própria negação do verbo.

Mas deslindemos uma das faces dessa bifrontalidade textual, deixando a outra para diante. Este discurso poético, marcado por um estilo consolidado em publicações anteriores, e este não é um facto de menor importância, desenvolve-se num espaço que denominaríamos de neo-barroco, associado a alguns indícios simbolistas e surrealistas. Revive-se nesta poesia uma imagem de excesso de significantes que se sucedem e justificam uma degustação visual levada ao limite pelos sentidos que se tornam obsidiantemente presentes. As imagens que se criam sucedem-se segundo uma aspiração de beleza, que poderíamos encontrar em textos barrocos, como forma de representar uma atitude e uma vivência consentânea com o contexto actual.

A relação mimética com a realidade, na poesia deste autor, assume a exuberância das combinações, deformando os sentidos primeiros e violentando as fronteiras entre os vocábulos, de forma a permitir a criação de um mundo da hiper-realidade, em que só as imagens são reais, pois esse é o espaço do neo-barroco na sociedade espectáculo, uma realidade que parece esvaziar-se nos

* Recebido em 31.08.2015. Aprovado em: 30.09.2015.

** Doutor em Letras, Literatura Portuguesa Contemporânea, pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, é estudioso, entre outras áreas, da obra de Herberto Helder. E-mail: jamadeu@braga.ucp.pt

significantes em descontexto. As imagens substituem os conceitos nesta poesia, criam simultaneamente um ambiente afrodisiaco e hipnótico que transmite e promove a excitação dos sentidos.

A relação transgressora de imagens que se sucedem ao longo de todo o livro, complementadas por uma exuberante adjectivação, escorre de verso em verso e corresponde a uma ausência de qualquer predominância temática significativa combinada com um simbolismo obsessivo pelo excesso de alguns elementos estruturais como os conectores adverbiais e os tempos verbais no presente do indicativo. Esta estrutura obsessiva reflecte a monótona excrescência de reduplicações, perante os dias e os percursos quotidianos. Sempre numa combinatória não disjuntiva, estes textos proporcionam uma co-presença de imagens aglutinadas no espaço poético, representado pelo poder invasor das palavras na área de outras palavras, ora amontoando-se ora distendendo-se, sempre na procura de sugerir a cidade em que vivem os homens.

As Processionárias, vocábulo que dá título ao livro, entendido como substantivo feminino, significa uma lagarta que vive na dependência exclusiva dos pinheiros, especialmente, bravos, e assume-se como uma das suas pragas mais nefastas. Como substantivo masculino entender-se-ia como livro que contém os ritos das procissões; como adjectivo seria algo que caminha em fileiras numerosas. Em sentido figurado, pode entender-se como imagem do extenso poema que é o livro, são igualmente a expressão dos aspectos estruturais constantemente revisitados e ainda a metáfora do aglomerado de imagens que se encadeiam ao longo dos textos. Na verdade, todos estes significados propiciam uma melhor compreensão do livro: a imagem da lagarta, se considerarmos a sua fisionomia; um ser capaz de prejudicar a superfície e desvitalizar o pinheiro; a procissão como formação de elementos sem autonomia individual, limitada muitas vezes a representações exteriores e superficiais, ritualizadas e por isso sem sentido para um número expressivo de participantes.

A prometida segunda face de Jano, já não direccionada para o passado de um neo-barroquismo que atinge tão drasticamente a sociedade actual, assume-se como revolta a partir do seu próprio núcleo e reage controladamente a partir da própria abordagem obsessiva das imagens: pelo excesso pode representar-se a necessidade da ausência, pelo ruído a premência do silêncio, pela hiper-sensibilidade a frieza da razão crítica – leia-se, a propósito, um dos dois excertos, onde encontramos o adjectivo «gongórico»: «Os manuais gongóricos transportam os cactos alucinados da ciência / até às últimas serapilheiras das procissões dos aeroportos», estando associado ao gongorismo, curiosamente, as «procissões dos aeroportos». Só no último verso do último poema se explicita a segunda face de Jano, assumindo de algum modo um olhar para o futuro, desvelando a ironia representada pelo livro: «O antídoto da processionária é a processionária emprenhada». O poeta recorreu à imagem da processionária, caricaturizou-a, realçando traços que não deixam de corresponder a uma imagem social com que convivemos. Por conseguinte, parte das imagens, dos recursos, das opções que se tornam obsessivas neste livro deverão ser lidas pelo seu inverso, entendidas como ironias, porque se afirma ou estrutura um texto pelo excesso que se pretendia como ausência, se apresenta a imagem, quando o que se procura é o seu negativo.

Se as estruturas se repetem, a vários níveis, as relações entre as palavras inovam e tornam sempre imprevisíveis quaisquer imagens, procuram como que reconstruir do caos um novo espaço poético, à custa de uma leitura que deve situar-se entre a rama vocabular e a sonoridade das suas

combinações, entre o excesso na criação das imagens e o increado ou reduzido dessas mesmas imagens ainda situadas num espaço de pré-criação – recorde-se, a título de exemplo, a formação de palavras justapostas disseminadas pelo livro, como intenção de criar novos sentidos. Estamos perante um texto que se faz e refaz constantemente, ainda desancorado, porque continua a procurar rumos de que a derivação das imagens, pelo recurso aos complementos determinativos dentro de intermináveis complementos determinativos ou ainda as disseminações arvoradas à custa do recurso a advérbios ou preposições, são exemplos assíduos.

Na sequência do que se foi entendendo do livro, levantam-se algumas interrogações: quais os traços de estilo que se identificam com a «processionária emprenhada» que foi desenvolvida ao longo do texto? não será, afinal, este livro uma clara imagem de afirmação e de negação de uma cultura «processionária» – a consciência dela e dos seus aspectos negativos e, concomitantemente, a incapacidade de se libertar? terá este livro a intenção de construir uma relação mais adequada com as imagens de forma a eliminar muitos dos excessos em que vivemos? Como se passam a identificar os aspectos fundamentais do espaço poético de Luís Serguilha a partir deste livro que pode muito bem representar um momento charneira na sua criação literária?

Para tornar conseqüente o último verso do livro que objectiva o percurso nem sempre explícito ao longo dos poemas que o compõem, será fundamental que a segunda face de Jano se assumna na poesia do autor pela incrementação de uma amplitude dramática, de uma densidade humana concretizável numa disponibilidade consistente e conseqüente, assumindo, porventura, o sujeito lírico uma presença mais activa de forma a que o texto represente uma atitude significativa na verdadeira cidade dos homens.